

FRAGMENTOS PERCEPTIVOS DE UM OLHAR EM MOVIMENTO

Perceptive fragments of a moving look

Famara Souza Lemos¹
Eugênia Maria Dantas²

RESUMO

Há beleza nas duras formas de concreto, do asfalto, dos prédios, dos viadutos. Em meio a solidez rachaduras teimam em se formar nos canteiros das ruas, por onde árvores insistem em crescer, flores insistem em brotar. Nas trajetórias cotidianas pela cidade, entre as janelas dos ônibus vê-se, na efemeridade das passagens, cenas que afetam o desejo nos encontros esperados e inesperados pelas ruas. Paisagens do exterior fundem-se com as do interior, envolvendo pensamentos, contemplações e percepções. Nos ônibus, nas ruas, a receptividade do olhar dos sujeitos se enraíza na geograficidade, em afetações que mobilizam o corpo no olhar e no sentir. Para lhes dizer sobre o encantamento nas trajetórias dos ônibus, as fotografias analógicas registraram em filme, as cores refletidas na captura do instante. Registros fotográficos, mapa mental e o ensaio poético se enredam para dizer o que se vê, se pensa e se sente sobre a primavera efêmera na cidade do Natal.

Palavras-chave: Trajetórias. Paisagem. Imagem. Poético.

ABSTRACT

There is beauty on hard concrete shapes, asphalt, buildings, viaducts. In the midst of solidity, cracks insist on appearing on street corners, where trees insist on growing, flowers insist on blooming. In the daily trajectories of the city, through the windows of the buses, it can be seen, in the ephemerality of the passages, scenes that affect the desire in the expected and unexpected meetings on the streets. Landscapes of the exterior merge with the interior ones, engaging thoughts, contemplations and perceptions. In the buses, on the streets, in the receptivity of the public is rooted in geographicity, in affectations that mobilize the body to look and feel. To talk about the delight of the bus trajectories, the analogic photographs recorded the moment, the colors that reflected during the capture of the instant. Photographic records, mental map and poetic essay get tangled up to talk on what you see, think and feel about the ephemeral spring in Natal City.

Keywords: Trajectory. Landscape. Image. Poetic.

1 Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora substituta do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. famarasouza@hotmail.com.

✉ Rua Projeto Caiana, 49, Potengi, Natal, RN. 59108-540.

2 Universidade Federal do Rio Grande do Norte. eugeniadantas@yahoo.com.br.

✉ Rua Bacharel Heráclito Vilar, 762, Barro Vermelho, Condomínio Acari, apto. 101, Natal, RN. 59030-450.

INTRODUÇÃO

Nos percursos pela cidade a paisagem propicia afetações nos encontros esperados e inesperados pelas ruas. Ao se mover os sujeitos se orientam por vias que direcionam rotas, expondo multiplicidades, recebidas pelos olhares daqueles que desprendem atenção, percebem detalhes, se afetam em intensidades distintas, marcam-nas em pensamentos ao tecer suas trajetórias.

As experiências de mobilidade constroem saberes nas relações estabelecidas entre o corpo e mente ao mapear cotidianamente o espaço. Os cidadãos em suas trajetórias cotidianas criam suas próprias paradas para registrar fragmentos das cenas urbanas. No ir e vir diário percebem as diferentes dimensões das paisagens, seja a pé ou no uso do transporte urbano. Nos percursos múltiplas trajetórias coexistem no espaço (MASSEY, 2006) e se entrecruzam pelas ruas. O ato de se mover e o ato de ver unem-se: o espaço da cidade torna-se o espaço da vida.

Habitar a cidade significa muito para cada sujeito. As ruas convidam a corporeidade e a espacialidade, no contato do corpo com o espaço vivências e significações constroem geograficidade, de relações estabelecidas nas ruas, por onde habilidades e conhecimentos espaciais são desenvolvidos, registrando percepções e experiências em mapeamentos.

Desvendar as afetações provenientes do encontro com a paisagem nos diz sobre as essências do habitar urbano, nas experiências de mobilidade apreendidas em contextos de fluxos e passagens. Ao adentrar nas trajetórias realizadas pelos sujeitos por meio dos ônibus, os enquadramentos das janelas se interpõem ao olhar, mediando a exibição de uma sucessão de cenas espontâneas nas ruas.

Entretanto, na repetição cotidiana o olhar parece tornar-se desatento diante daquilo que todo dia está ali. No visto e revisto

diversas vezes laços afetivos se estabelecem, ainda mais quando o que se vê energiza o interior, evoca em profundidade um telurismo da realidade geográfica a transbordar na imaginação a afeição com a sua cidade.

A sensibilidade desperta o desejo, para abrir os olhos cansados da rotina em meio aos ruídos do trânsito, o verde e vermelho dos semáforos cronometra um tempo que se esvai na correria dos dias. Em alguns segundos de pausa no movimento o vento, as cores, as vistas no horizonte permitem respirar. Paisagens do exterior fundem-se com as do interior, envolvendo pensamentos, contemplações e percepções das cenas das ruas, tocando de modo irremediável os sujeitos.

Há beleza nas duras formas de concreto, do asfalto, dos prédios, dos viadutos. Em meio a solidez rachaduras teimam em se formar nos canteiros e nas paredes das ruas, por onde árvores insistem em crescer, flores insistem em brotar, nas reminiscências de uma cidade onde o rio escorre entre o mangue para o mar.

Li histórias de Calvino (1994) sobre um personagem chamado Marcovaldo que andava pelas calçadas percebendo coisas que não foram feitas para serem vistas, desfrutando das amarguras e das felicidades momentâneas nas mudanças das estações, lançando olhares para os amiúdes. Cada descoberta lhe trazia novidades, atiçando sua busca por detalhes, especialmente aqueles que trazem os enraizamentos da natureza em meio as artificialidades da vida urbana. Seu trajeto não é dito por nomes de ruas e avenidas, tampouco por prédios comerciais ou históricos, as placas de localização pouco lhe dizem. Sua experiência garante-lhe habilidades e conhecimentos em seu movimento pelas ruas. Sua imaginação o possibilita cartografar a cidade a partir dos elementos de sua vivência, aliando a cidade de concreto à cidade imaginada.

Nos ônibus, nas ruas, a receptividade do olhar dos sujeitos os reveste de Marcovaldo, tomados por uma sensibilidade estética e sensorial nos

encontros efêmeros com a paisagem. Ao que parece a natureza atrai olhares. Mesmo os sujeitos desatentos ou cansados que desfrutam das horas no ônibus para descanso do corpo e da mente, às vezes o descanso acontece ao ser tocado por substâncias invisíveis que cativa olhares.

Para lhes dizer sobre o encantamento nas trajetórias dos ônibus na cidade de Natal sob orientação fenomenológica fui guiada pelos caminhos da experiência, na mobilidade do corpo pelo espaço indo ao encontro com as paisagens e com os sujeitos da pesquisa, os moradores da Região Norte em seus deslocamentos diários para a Região Sul, entrecruzando nossas trajetórias, reunindo fragmentos perceptivos das múltiplas paisagens da cidade (LEMOS, 2019).

Para isso parti numa expedição geográfica em busca do efêmero, na construção de uma pesquisa feita pelas ruas, ao caminhar, esperar, pegar ônibus, subir e descer, conversar, intervir na paisagem. Nos trabalhos de campo ao mapear paisagens e lugares, registrando-as em diferentes linguagens, alimentada pela figura do *flâneur* contemporâneo, a observar, frequentar e refletir sobre as relações corpo-cidade.

As estratégias relacionais do registro, entrevistas e mapeamentos me levou a tecer articulações entre percepções, experiências e afetações. Com a intenção de refletir sobre o modo como as paisagens e imagens da cidade percebidas nos trajetos dos ônibus afetam o olhar, suscitam narrativas que envolvem os lugares produzindo sentidos e significados para aqueles que vivem em movimento e observam a cidade pela janela dos ônibus. Reúno (d)escrevendo sobre as narrativas dos lugares, envolvida por conceitos que me ajudam a interpretar, mas que somente pela experiência na cidade sou capaz de colocar em imagens e palavras o que vejo.

O ensaio poético possui intimidade com os registros fotográficos, particularmente com o uso da fotografia analógica registrando

em filme, o instante, a revelar nuances e texturas das paisagens as cores refletidas se congelam em uma imagem, o mapa e as palavras articuladas para dizer sobre o que se vê, se pensa e se sente na primavera efêmera da cidade.

ENCONTROS COM A PAISAGEM

As paisagens percebidas pelos sujeitos em suas trajetórias oferecem um dos percursos para a decifração da experiência do habitar citadino e suas relações espaciais. O olhar em deslocamento cria pausas, captura detalhes e fragmentos, estabelece marcos relativos ao ponto de vista de observação, bem como as afetações subjetivas.

Nas ruas os movimentos cotidianos se realizam, a mobilidade dos sujeitos por meio dos ônibus os encaminha para o encontro com as paisagens, nela se manifesta o movimento interno do mundo em suas dimensões estéticas, simbólicas e experienciais. Uma geograficidade urbana se enlaça as afetações dos sujeitos em um mundo dotado de complexidade e ambiguidades, expresso especialmente nas cidades, de modo que a mobilidade interfere nas experiências dos sujeitos, que passam a conhecê-la através das trajetórias nos ônibus.

Na paisagem os elementos da realidade geográfica interagem, em um movimento unificado em torno de uma tonalidade afetiva dominante que pressupõe afeições e sentimentos construídos na existência. Para Dardel (2011, p. 31, destaques no original) a paisagem “coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua **geograficidade** original: a terra como lugar, base e meio de sua realização”. Entendida como expressão fiel da existência, não se limita a expressão, e sim a abertura da possibilidade, ao movimento.

Na realidade geográfica as percepções e sensações partem de uma base material, espacial e física. De modo que toda percepção é espacial

Fragmentos perceptivos de um olhar em movimento
Famara Souza Lemos e Eugênia Maria Dantas

e não existe percepção sem espaço, já que este não é um simples meio onde os objetos se dispõem (MERLEAU-PONTY, 1996). Sendo assim, a paisagem do ponto de vista fenomenológico está entre o ver, o ser e o sentir, envolto nos aspectos materiais e simbólicos, nas sensibilidades e subjetividades que se realizam pelo mundo.

Somente um vocabulário afetivo possibilita o desdobramento das afetações proporcionadas pela experiência paisagística, articulando formas de dizer sobre o vivido. A linguagem poética e literária de Fernando Pessoa nos ajuda a pensar sobre os encontros, ao entender por paisagem tudo o que forma o mundo num determinado momento de nossa percepção. Duas paisagens se justapõem no mundo interior dos pensamentos, humores e emoções cotidianas, os sujeitos apreendem as formas e cenas em exposição. Há uma reversibilidade e entrega do olhar, Pessoa (2002, p. 1) nos diz:

Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E – mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.

A profusão do estado de alma faz parte da experiência com a paisagem, evoca, sobretudo, uma polissensoriedade repleta de sonoridades e texturas, cheiros e sabores que vão além do mero elemento visual circunscrito ao olhar. Tocam o corpo. As diversas afetações conduzem as essências aos significados da experiência para os sujeitos. O que faz com que a paisagem não exista em si, apenas

em relação ao pensamento derivado numa dimensão da apropriação sensível do mundo.

A geografia clássica trouxe consigo a arte de interpretar a paisagem através de um exercício do olhar movido pela observação, contemplação e descrição. Na contemporaneidade, sobretudo numa perspectiva fenomenológica, a interpretação geográfica compreende que a paisagem é uma experiência “essa paisagem que se apresenta como experiência só remete, para o ser humano, a certa maneira de estar no mundo e ser atravessado por ele” (BESSE, 2014, p. 47).

As raízes do conceito de paisagem vinculam-se à arte, nas representações pictóricas preconizadas a partir do Renascimento. A pintura construiu imagens sobre o mundo a partir dos olhares e da produção dos pintores que ao contemplarem os arranjos da natureza assumiram um compromisso de descrever a realidade ou a ordem do mundo pelas imagens. O enquadramento adotado pela pintura delimitou o dentro e o fora; depois, a técnica da perspectiva ofereceu distanciamento, ao intervir nos pontos de vista de observação. Cauquelin (2007) evidencia que a janela, tal como uma moldura, interpõe olhares, entre sua forma e nós, colaborando com um modo de ver, afetando significativamente a maneira pela qual olhamos e percebemos o mundo, o que fez da paisagem uma construção cultural. Ao mesmo tempo em que possui um conteúdo iconográfico, é produzida pelo homem, e suas obras e impressões são permeadas por simbolismos.

A geografia trouxe para si os elementos da pintura com a intenção de descrever a Terra num pequeno quadro como faziam os pintores (BESSE, 2006). Ambos desenvolveram a arte de leitura visual dos signos que constituem a qualidade própria de uma paisagem. Ambos descobriram na fixidez da representação imagética um modo de dizer sobre o real.

Fragmentos perceptivos de um olhar em movimento
Famara Souza Lemos e Eugênia Maria Dantas

A dimensão estética da representação pictórica serviu como um guia ao olhar, nas imagens estão a composição dos objetos visíveis envolvidos em narrativas, com formas e expressões do movimento no espaço, da morfologia da terra, da ocupação dos lugares. Besse (2006) em ensaio sobre “A Terra como Paisagem” utiliza da série “Grandes Paisagens” da obra de Pieter Brueghel, relacionando o modo como o pintor apresenta a Terra como imagem e vê o homem como participante exterior a cena, observando a paisagem de longe. Tal modo de representação corresponde a definição clássica de paisagem: um panorama natural, geralmente descoberto a partir de um ponto elevado, permitindo que o espectador tivesse um tipo de domínio visual do território.

Anterior a qualquer dizer sobre as paisagens, a qualquer forma de representação, está o encontro do corpo no espaço, na realidade vivida com todas as tonalidades e sensações (MERLEAU-PONTY, 2004). Durante as trajetórias, a mobilidade como parte imprescindível da vida na cidade constrói nos sujeitos, percepções e imagens das cenas expostas nas ruas. A realidade assim como um rio, flui sempre mutável, apenas congela-se em fragmentos do todo ao ser capturado pelo olhar, ao ser descrito ou relatado pelos sujeitos da experiência.

A arte e a ciência buscam formas de tornar visível o que se vê, no esforço dos artistas em “morder o real” (BERGER, 1972), na busca dos cientistas por produzir conhecimento. Sendo que a compreensão está para aqueles que se arriscam a sentir. Nas articulações entre a experiência e o conhecimento, Didi-Huberman (2006) evidencia que não sabemos o que pode uma imagem, as afetações e sensações provenientes do seu encontro causam diferentes pensamentos e ações.

Falar sobre as imagens envolve viver a experiência com elas, seja inscrita em telas, coladas nas paredes, percebidas na paisagem. Entre

a arte, geografia e as imagens é preciso articular a experiência de três coisas “uma maneira de colocar as **questões**, uma maneira de colocar em jogo o **desejo** – de sentir, de ver, de conhecer – e uma maneira de **escrever** tudo isso” (DIDI-HUBERMAN, 2006, p. 2, destaques acrescentados).

O desejo atua como caminho envolvido pela inquietude do contato entre a imagem e o real, faz com que toda experiência seja uma experiência fenomenológica, de um encontro que se dá no movimento do corpo, nas intenções que se investem sobre o observador construindo suas próprias significações subjetivas. As questões e a escrita se mobilizam com os conceitos que ajudam a interpretar. O olhar, por sua vez, atua na resignificação sobre o que se vê (DIDI-HUBERMAN, 2006). A escritura sobre as paisagens traz consigo aproximações ao chegar perto da composição e da complexidade de formas, texturas, mensagens contidas nas cenas urbanas.

No movimento de abertura e colaboração com a realidade objetiva, a atitude estética refere-se a “atenção e contemplação desinteressada e complacente de qualquer objeto da consciência em função de si mesmo” (STOLNITZ, 2007, p. 36). A adoção de tal atitude faz com que a partir da experiência surja o valor do objeto, tornando-o único e significativo para o observador.

A paisagem no movimento cotidiano pelas ruas causa afetações subjetivas promovidas pelo encontro estético – visível e sensorial, pelo desejo que mobiliza o olhar e o sentir, atuando de modo a articular lembranças e sensações. A diversidade de paisagens é também a de pensamentos, percepções e pontos de vista, pois cada sujeito atribui valor e significado a partir de suas próprias experiências que orientam modos de ver. Meinig (2002, p. 35) evidencia “qualquer paisagem é composta não somente por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”.

As janelas dos ônibus projetam cenas da vida ordinária suscitando leituras sobre o cotidiano citadino, produzindo narrativas nas trajetórias pela cidade, conduzindo os sujeitos a atribuir valor e significar tudo aquilo que compõe os ambientes. A paisagem encerra um significado que pode se traduzir como um quadro geográfico que reúne formas visíveis que associadas produzem sentidos (GOMES, 2017).

Dizer algo sobre o que se percebe envolve tempo e vontade para olhar atentamente, abrir-se à paisagem, utilizando dos registros escritos, relatados ou imagéticos nas pinturas, mapas, fotografias. Quando há o encontro com a paisagem no espaço público, vemos que as paredes gritam, o trânsito ensurdece, o concreto aquece as ruas. Sensações são geradas no deslocamento e também nas pausas, o que atribui diferentes sentidos e significados ao que se percebe nas passagens.

Na contemporaneidade a pintura deixou de ser o principal meio de representação. A fotografia se firmou como suporte imagético que permite capturar o instante, o efêmero, a imobilidade no âmago do mundo em movimento. No distanciamento interposto da câmera entre o observador e o real. O fotógrafo/operador utiliza da visão e do dedo, ao tomar a decisão de imobilizar o que vê. A utilização da fotografia como registro do visível é uma estratégia de afastamento mediante aproximação, traz em seu cerne o onde, ou seja, a posição espacial: a vidência do fotógrafo não consiste em ver, mas em estar lá (BARTHES, 1984).

No movimento pelas ruas, ao interpretar as narrativas contidas nas paisagens somos todos espectadores comuns (MANGUEL, 2011). Traduzimos as imagens do mundo nos termos da própria experiência, desejos e questionamentos. Nos suportes imagéticos, nos relatos ou no contato com o real, a decifração do visível é envolvida pela violência das imagens que nos inquietam, nos fazem ter vontade de olhar ou

mesmo desviar a mirada, ao mesmo tempo que nos possibilitam conhecer.

Decifrar a diversidade de paisagens que compõe a cidade transforma espaços indiferenciados em lugares à medida que lhe atribuímos valor (TUAN, 2013), a compor mapas e imagens das cenas e acontecimentos nas trajetórias. A experiência de cada sujeito revela as significações atribuídas e as histórias que enredam os lugares intimamente. Assim a interpretação acontece não a distância como prevê a ciência, e sim em proximidade.

No rearranjo espacial das formas e processos percebemos as paisagens a se dispersar, os marcos de outrora, as lembranças da cidade, imbricam-se na configuração das paisagens, em permanente estado de reconstrução. Os símbolos e significados se relacionam ao que se expõe. Para compreendê-los é preciso viver experiências, estar lá, abrir os sentidos ao que a cidade oferece, ao modo como as pessoas vivem suas rotinas espaço-temporais (SEAMON, 2013). Nos deslocamentos do corpo o encontro com a paisagem se realiza pelas estruturas da mobilidade urbana, constituída a partir de objetos e normas que conduzem trajetórias.

SOBRE A EXPERIÊNCIA NAS RUAS: A IMAGEM E O POÉTICO

Nas trajetórias cotidianas nos ônibus, enquanto passageiros assumimos a posição de espectadores, ao sentarmos ao lado da janela somos guiados na exibição das cenas expostas nas ruas. O ponto de partida é a Região Norte da cidade do Natal, região periférica, local de moradia de grande parte dos potiguares. O destino é o outro lado da cidade, a Região Sul, centralidade do tecido urbano, onde as atividades e serviços atraem e impulsionam toda a movimentação diária.

Fragmentos perceptivos de um olhar em movimento
Famara Souza Lemos e Eugênia Maria Dantas

As vias, viadutos, pontes – objetos da mobilidade – articulam um ponto a outro, os ônibus com suas rotas específicas oferecem uma única possibilidade de trajetória, nos itinerários dos bairros rumo aos destinos, a maioria das linhas segue o mesmo percurso, limitando espacialmente a experiência dos sujeitos e usuários do transporte público por ônibus.

A repetição da trajetória faz com que as mesmas paisagens da cidade sejam vistas todos os dias, na saída pela manhã e no retorno à noite. Situações caracterizam esse ir e vir cotidiano, dentro e fora do ônibus presenciamos cenas e acontecimentos. Dentro percebo o comportamento dos passageiros, a preferência pelo lugar ao lado janela, tem como um dos motivos da escolha a vista. Na janela alguns passageiros seguem a trajetória observando, a maioria recorre aos livros, as redes sociais, ao cochilo, para sair momentaneamente daquele local, focam a atenção em algo e deixam de lado a sucessão de cenas que acompanham o deslocamento. Entretanto a cidade sempre estará ali. Ao abrir os olhos alguns lugares na trajetória clamam por atenção.

O engarrafamento matinal é uma das situações corriqueiras, das 7h às 9h já é certo. Na sorte é só um trânsito lento, no azar é um engarrafamento daqueles que afeta o humor matinal da pior maneira possível. Pode-se dizer que já é esperado, a surpresa vem quando não há. Encarado como algo negativo, de atraso e espera, é na vagareza do amontoado de carros e ônibus que é possível ver a paisagem devagar, desacelerar para conseguir enxergar os detalhes, imperceptíveis na rapidez do trânsito. Na fluidez da cidade contemporâneas a pausa no movimento significa perda de tempo, e se esse tempo servir a contemplação da paisagem que se abre no horizonte? Quando não é o engarrafamento que atrapalha a fluidez é o semáforo demorado que faz de um minuto uma eternidade.

Ver e decifrar a diversidade de paisagens que compõe a cidade transforma espaços indiferenciados em lugares à medida que lhe atribuímos valor (TUAN, 2013), compomos nossos mapas e imagens mentais por trajetórias vividas, por cenas e acontecimentos. A experiência de cada sujeito revela as significações atribuídas e as histórias que enredam os lugares intimamente. Os signos, códigos e significados se relacionam ao que se expõe, para compreendê-los é preciso abrir-se aos modos pelos quais as pessoas vivem a mobilidade na efemeridade do ir e vir cotidiano. Registrando pela palavra e pela imagem real, representando as paisagens urbanas no enquadramento da janela do ônibus.

Envolvida por afetações individuais e coletivas na trajetória da Região Norte a Região Sul registrei em imagens e palavras, com a fotografia analógica e o diário de campo, reunindo fragmentos de um olhar em movimento. As fotografias capturam o efêmero, o congelam para ser visto novamente, para junto da palavra descrever as percepções que envolveram o momento, o arranjo do espaço investido do cenário capturado pelo meu olhar. A subjetividade enlaça uma carga simbólica e experiencial individual, porém, ao mesmo tempo coletiva, ao estar aberta aos outros, notando-os enquanto permanecem estáticos destinando atenção ou desviando o olhar para as cenas que seguem na rua, e especialmente na conversa com o compartilhamento de percepções, pensamentos, histórias e vivências dos moradores da Região Norte. Uma delas, em seu mapeamento na linha 10/29, percebe a natureza na cidade, pontos permanentes e efêmeros, do rio, dos ipês. Enredo paisagens em fotografias, numa narrativa poética sobre encantamento, afetações, floreios, de histórias entrecruzadas durante pesquisa/experiência construída por olhares movimento que encaminham para um dizer sobre a cidade percebida pela janela dos ônibus.

Fragmentos perceptivos de um olhar em movimento
Famara Souza Lemos e Eugênia Maria Dantas

FLOREIOS

Na cidade do sol
a primavera é efêmera
mal sentida no corpo
exceto pelo aumento das temperaturas
nas proximidades com o verão
a natureza do corpo urbano
acelerado ritmado desatento
nem percebe a chegada da estação

Com sua chegada algo se acumula nas ruas
debaixo da copa das árvores
os rastros da presença
o floreios dos ipês
cada cor em uma semana
se iniciam com os rosas e os roxos, desabrocham os amarelos
raros são os brancos encontrados em esconderijos do centro da cidade
todos despertam sorrisos

Certa vez vendo a cidade passar
parei para notar o comportamento dos passageiros
Alguns olhavam fixamente pela janela, outros para o celular, pensei:
"o que será que eles estão pensando? veem a cidade? o que estão olhando?"

Até que no ponto de parada na Av. Bernardo Vieira
Nas proximidades do shopping Midway Mall
Uma história aconteceu
Estava eu sentada, olhando a rua quando percebi um ipê de flores amarelas na
minha janela
Me alegrei com tamanha beleza
No mesmo instante escutei o rapaz sentado à minha frente
Admirado com a beleza inesperada
Ele não conseguiu guardar para si mesmo
Foi logo comentando com a cobradora que estava a sua frente:
"Olha como essa árvore tá linda!!!"
Me alegrei ainda mais ao perceber a sua percepção
Foi como uma resposta aos meus pensamentos



Figura 1 – Fotografia analógica.
Fonte: F. S. Lemos, 2018.

Fragmentos perceptivos de um olhar em movimento
Famara Souza Lemos e Eugênia Maria Dantas



Figura 2 – Mapeamento do percurso Casa – UFRN na trajetória do ônibus.

Fonte: J. Barros, 2017.

Durante dias passei pelo ipê
lembrava do acontecido e sorria
contemplei seu floreio e a queda das flores
precisava guarda-lo numa imagem
Quando saí com a câmera em mãos ele já não era o mesmo
a beleza ainda permanecia só não do mesmo modo
Dias depois outro ipê florou
fui arrebatada com a mesma surpresa
ao ver o ipê de flores lilás

A beleza percebida pela janela
na passagem de ida
no retorno da volta
desperta o desejo
Jocilene em seu relato:

“Acho muito bonito a arborização da av. salgado filho. Gosto de ficar vendo os ipês quando é primavera, acho lindo, fico doidinha pra tirar foto, queria descer do ônibus e tirar.”

No registro cartográfico
de seu mapeamento os ipês são marcos
percebidos na rapidez dos dias a contemplação efêmera
por ela desci do ônibus
parei na via movimentada
congelei o instante do floreio

Sua natureza efêmera
se dispersa tão fugaz
restando-lhes apenas
algumas flores
no asfalto nas calçadas
levadas pelos ventos
No fim resta-lhe
O tronco e os ramos secos
dos ipês que dependem sua energia vital ao florir
os cidadãos que as percebem
colhem para si uma energia das fases
de ciclos e renovações
a beleza sincera
na urbe.



REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. **O Gosto do Mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BERGER, John. Passos em direção a uma pequena teoria do visível. In: BERGER, John (Org). **Bolsões de resistência**. Lisboa: Editorial Gustavo Gilli, 2004. p. 13-23.
- BERGER, John. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Inquietar-se diante de cada imagem. Entrevista realizada por Mathieu Potte-Bonneville e Pierre Zaoui. **Vacarme**, n. 37, 2006.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- LEMOS, Famara de Souza. **Ver a cidade em movimento**: fragmentos perceptivos das paisagens nas trajetórias dos ônibus. 2019. 170f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- MEINIG, Donald. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 13, p. 35-36, 2002.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MASSEY, Doreen. Pensamentos Itinerantes. **Terra Livre**, São Paulo, n. 27, v. 2, p. 93-100, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- PESSOA, Fernando. **Cancioneiro**. Domínio público: Ciberfil Literatura Digital, 2002
- SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 4-18, 2013.
- STOLNITZ, Jerome. A atitude estética. In: D'OREY, Carmo (Org). **O que é arte? A perspectiva analítica**. Lisboa: Dinalivro, 2007. p. 45-60.
- TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Submetido em Outubro de 2019.

Aceito em Março de 2020.